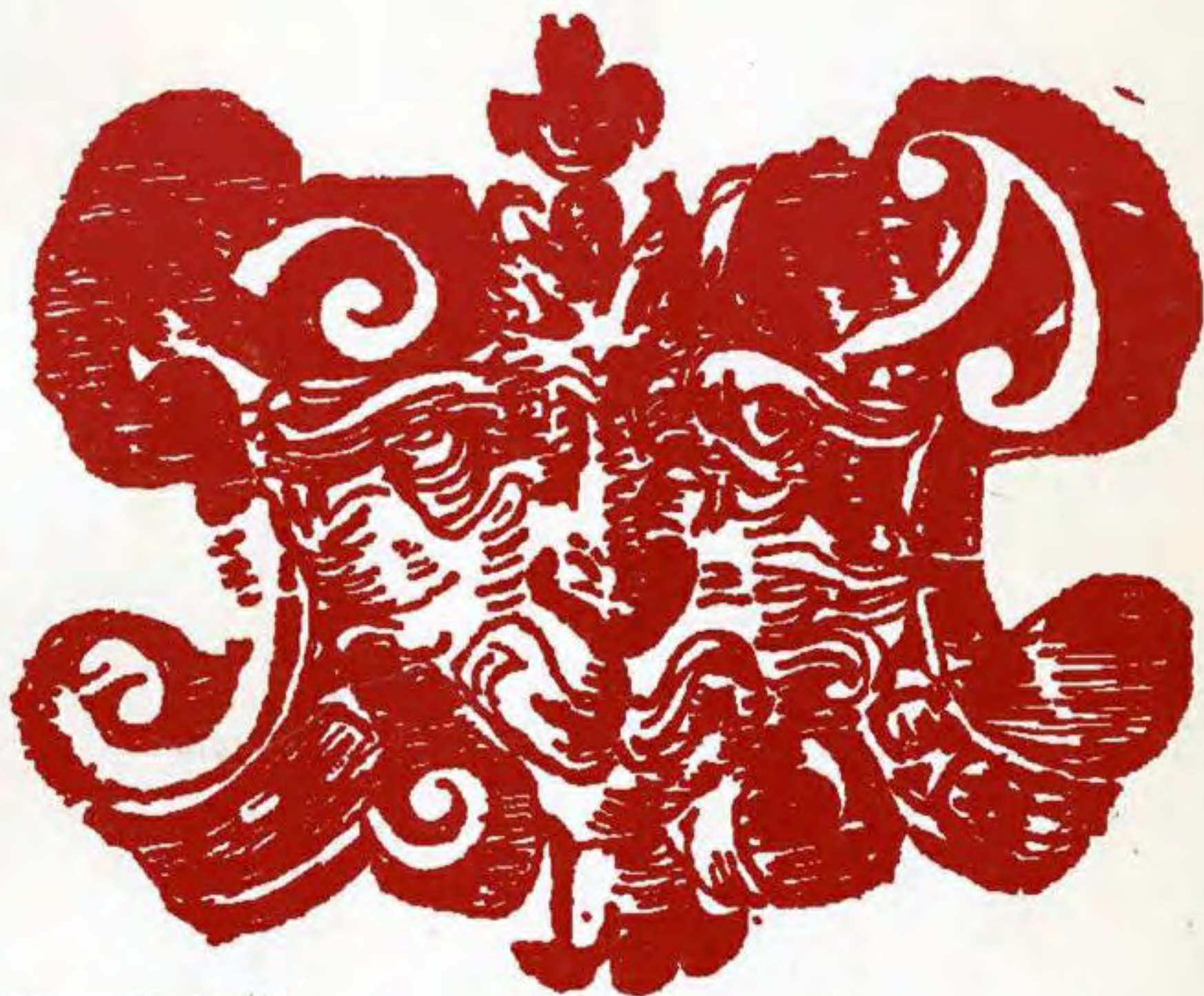


MIGUEL BARBOSA



TEATRO



UNIVERSITÁRIA EDITORA

© Universitária Editora

1ª. Edição 2005

Sem autorização expressa do Editor não é permitida a reprodução desta obra, no todo ou em parte e por nenhum meio, exceptuando-se a transcrição de pequenos excertos para fins de divulgação e crítica

Ficha Técnica

Título: As Multinacionais da Bondade!

Autor: Miguel Barbosa

Capa: Miguel Barbosa

Editor: Gil Magno Leite

Edição: Universitária Editora, Lda

R. Camilo Castelo Branco, 23-6.º – 1150-083 Lisboa

Tel.: 21 3162442 • Fax.: 21 3162444

www.universitariaeditora.com

Execução Gráfica: Totalgráfica, Lda.

Qta. Santa Rosa – Armazém JLS

2685-583 Camarate

geral-totalgrafica@sapo.pt

Depósito Legal: 228 765 / 05

ISBN: 972-700-556-X

MIGUEL BARBOSA

As Multinacionais da Bondade!



UNIVERSITÁRIA EDITORA

PERSONAGENS

Pedintes:

O MOCHO, que só quer um aperto de mão.

O CINEASTA, que tem colocado na lata da sopa um retrato de Elizabeth Taylor.

O MESTRE-ESCOLA, *pince-nez* sem vidros, no nariz. Fala em ar doutoral.

O OPERÁRIO, a quem falta um braço.

O ESTIVADOR, tipo sanguíneo.

O CAPITALISTA, sempre com recortes de jornais e notícias da Bolsa, que de vez em quando lê.

O SUICIDA, sempre pronto a pendurar-se na corda que traz na cintura. Odeia as moscas capitalistas.

O FARTURAS, de ar esfomeado.

O PÉRICLES, cego. Toca violino. Passa parte da peça a afinar o violino.

TERESA, faz a *quete* do cego, de quem é neta. Romântica.

Vampiros Skin Heads:

RAUL, por alcunha o *Pulga*, filho de VICENTE, o dono da casa.

1º SKIN HEAD VAMPIRO, filho de um generalíssimo.

2º SKIN HEAD VAMPIRO, filho de um juiz.

3º SKIN HEAD VAMPIRO, filho de um banqueiro.

VICENTE, o dono da casa, o homem bondoso. Dono de uma multinacional de bondade.

FUNCIONÁRIO, que dá o tempo e as horas das reformas que nunca sucedem. Traz uma campainha que toca às entradas e saídas de cena.

* DETECTIVE corrupto. Gagueja um pouco.

1º PEDINTE, 3 falas.

Figurantes:

1º HOMEM, que passa indiferente.

2º HOMEM, que passa indiferente.

TRÊS PEDINTES.

A acção passa-se em país imaginário, mas na actualidade.

1º ACTO

CENA 1 – à boca da cena, antes de correr o pano.

(Noite. O Mocho entra com um pequeno banco. Senta-se. Passa 1º Homem e Mocho levanta-se de mão estendida).

O MOCHO – Um aperto de mão, por amor de Deus, um aperto de mão.

(1º Homem passa inexpressivo e indiferente. Mocho volta a sentar-se no banco. Aproxima-se 2º Homem).

O MOCHO (levanta-se e estende a mão de novo) – Por amor de Deus, um aperto de mão. Por caridade... Já que não me dão trabalho... Ao menos isso...

(2º Homem sai. Mocho volta a sentar-se no banco. Adormece. A cena escurece ainda mais. Sonha. Um rosto de homem envolto em capa preta, passa, branco, cadavérico, irreal. Passam mais rostos. Aproximam-se de Mocho. Esvoaçam capas em pequeno bailado. Os Vampiros debruçam-se sobre ele, que lhes estende a mão. Em seguida inclinam-se sobre o Mocho para o morder. Este acorda com um grito e os Vampiros fogem. Ao lado de Mocho está Vicente).

VICENTE – Quer dinheiro? Tem fome?

O MOCHO – Não peço nada... Só a caridade de um aperto de mão.

VICENTE – Um aperto de mão?! Só isso?! É mais fácil do que trabalhar? E rende mais?

O MOCHO – Não peço mais do que um gesto de compreensão porque a multinacional faliu.

VICENTE – A gente sabe disso! Mas não é um pedinte?

O MOCHO – Um pedinte de justiça.

VICENTE – Mas, c'os diabos, tem ou não tem fome?

O MOCHO – Sempre a tive, mas era sobretudo fome de dignidade... Que posso mais pedir se estou velho para ter outra coisa a não ser os sonhos?

VICENTE (Irónico) – E isso sustenta?

O MOCHO – Não. Eu sei. Trabalho não me dão só quero por isso o aperto de mão, a que tenho direito como ser humano.

VICENTE – Então, venha. A minha multinacional da bondade está aberta a quem sofre. Eu ando a recolher os pedintes, mesmo os de ilusão...

(Aproximase a carroça com grades, estilo carroça de recolher os cães).

O MOCHO – Mas... Mas é a carroça dos cães!

VICENTE – Não. Não é isso. É o carro da empresa. Bem vê, antes de os recolher em minha casa as regras sanitárias exigem que os leve à desinfecção.

(Saem para o lado do palco, atrás da carroça. () Mocho leva o banco debaixo do braço. Levanta-se a cortina.)

CENA 2 – Espécie de camarata com camas e duas janelas. De lado, uma porta, onde se lê: WC – Desemprego.

(Pedintes em fila indiana junto à secretária, onde se encontra, sentado num banco excessivamente alto, o burocrático funcionário. Este está rodeado de papéis. Há sobre a secretária um relógio de ponto, um barômetro e um termómetro, além de uma ampulheta com areia. Tudo está lá para registar o tempo e o Funcionário vai constantemente lendo a evolução. Em cada pedinte o Funcionário põe ao pescoço uma ficha metálica presa por cordéis. Cada ficha tem um número que corresponde à cama que o burocrático Funcionário vai indicando. Parte desta cena é em silêncio. Depois ouvem-se palavras como: Bondade, amor, fuzilem-nos, caridade... tudo em estilo de discurso político. Pedintes ficam sentados na borda da cama, a olhar desconfiados uns para os outros. Teresa, ao lado de Péricles).

(O Funcionário levanta-se e vira a ampulheta. Toca a campainha).

FUNCIONÁRIO – São onze horas, vinte minutos e cinquenta segundos. Tempo seco, sem alteração de temperatura. Ainda faltam quarenta e nove minutos e dez segundos... *(Senta-se)*.

O CINEASTA – Que raio de droga será esta?

O OPERÁRIO – Ninguém sabe, Cineasta. Nunca nos dizem nada.

O MESTRE-ESCOLA – Se houvesse um jornal. Estas coisas às vezes vêm nos jornais.

O CAPITALISTA – O que interessa saber, Mestre-Escola. O que se deve saber.

O OPERÁRIO – Sim. Só o que vocês querem que a gente saiba e nunca é a verdade.